

Transições

Centro Universitário Barão de Mauá

<https://doi.org/10.56344/2675-4398.v3n1a2022.1>



Título

Intersetorialidade e qualidades humanas na educação do século XXI:
entrevista com Mozart Neves Ramos

Autores

Mozart Neves Ramos
Mayra Antonelli Ponti
Felipe Ziotti Narita

Transcrição

Gabrielle Linares Ribeiro Luiz

Ano de publicação

2022

Referência

RAMOS, Mozart Neves; PONTI, Mayra Antonelli; NARITA, Felipe Ziotti. Intersetorialidade e qualidades humanas na educação do século XXI. **Transições**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, 2022. (transcrição de Gabrielle Linares Ribeiro Luiz)

Recebimento: 02/07/2022

Aprovação: 19/07/2022

INTERSETORIALIDADE E QUALIDADES HUMANAS NA EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI

Entrevista com Mozart Neves Ramos

Organização: Mayra Antonelli Ponti / Felipe Ziotti Narita
Transcrição: Gabrielle Linares Ribeiro Luiz

MOZART NEVES RAMOS

Realizou doutorado em Química na UNICAMP e pós-doutorado na Escola Politécnica de Milão (Itália). Foi professor e reitor (1996-2003) da UFPE e secretário de educação de Pernambuco (2003-2006). É autor dos livros *Educação brasileira: uma agenda inadiável* (2015), *Educação sustentável* (2006), *A urgência da educação* (2011) e *Sem educação não haverá futuro* (2019). Titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira do Instituto de Estudos Avançados da USP. Foi agraciado com as comendas Personalidade das Artes, Ciências e Letras da França (2006), Educador Internacional do Ano – IBC Cambridge (2005) e a Ordem do Mérito da República Italiana (2002). As perguntas foram organizadas por Mayra Antonelli Ponti e Felipe Ziotti Narita. A entrevista foi realizada presencialmente, no IEA-USP, de modo que decidimos manter a oralidade da fala. A transcrição do material foi feita por Gabrielle Linares Ribeiro Luiz.



Vamos começar com uma questão sobre a mudança tecnológica. Apesar das mudanças aceleradas, as qualidades humanas seguem no epicentro das transformações sociais. Quais são essas qualidades humanas e qual o seu papel na educação?

Mozart Neves Ramos: Bom, em primeiro lugar eu acho que a pandemia acelerou muito o uso das tecnologias para que as pessoas pudessem continuar realizando seus trabalhos. Eu acho que no âmbito da

educação das escolas ficou cada vez mais evidente a importância das tecnologias no processo de ensino e de aprendizagem não para substituir o professor, mas para auxiliá-lo a diversificar o processo de ensino e de aprendizagem. Eu acho que ficou muito claro que não existe mais uma única sala de aula do século XXI, pois teremos muitas salas de aula, em conformidade com a natureza do tema e do que a gente vai trabalhar com os alunos. Então eu acho que será mudado aquele conceito de sala única, principalmente essa do século XVI, que persistia e vem persistindo até o século XXI, de alunos enfileirados e um professor falando durante horas sobre conteúdos – muitos dos quais já estão na internet, em vários outros ambientes. Tudo isso nos mostrou que o mundo mudou numa velocidade maior do que a escola. As tecnologias estão mostrando a necessidade de a escola mudar, de ampliar o seu horizonte no processo de ensino e aprendizagem. Mas a tecnologia vai ser ponto de partida, não o ponto de chegada. O que vai realmente ser um diferencial, na nossa visão, são as qualidades humanas, são pessoas que cada vez mais vão precisar entender as demais na diversidade, no entendimento de que é importantíssimo viver em coletividade; por isso é um absurdo pensar em educação domiciliar, porque a educação domiciliar, no nosso entendimento, não promove a colaboração, a cooperação, o pensamento crítico, a criatividade, a abertura ao novo, a empatia e a resiliência. Essas qualidades são absolutamente importantes pra qualquer pessoa viver no século XXI. Essas qualidades humanas perpassam valores e concepções que são importantes para se viver no século XXI, mas também dialogam com valores que historicamente estão muito esquecidos e que precisarão ser cada vez mais enfatizados, como a solidariedade humana, a ética. Esses valores estão um pouco esquecidos no momento atual, mas a pandemia também trouxe a importância de promover mais o sentimento de solidariedade, o sentimento do conceito da ética na tomada de decisões para o bem-estar não de um, mas de um coletivo; então, viver em coletividade é fundamental para qualquer sociedade contemporânea. A escola do futuro e o futuro chegaram: é uma escola que seja capaz de desenvolver a pessoa na sua plenitude de um conceito de educação integral que, diga-se de passagem, já estava lá no artigo 205 da própria constituição federal, quando o texto trata de uma educação que desenvolva plenamente as pessoas na perspectiva tanto de exercício da cidadania quanto de estar preparada para o mundo do trabalho. A educação que eu imagino não vai ser a escola da tecnologia. O metaverso não vai ser o fator dominante. Tudo

isso vai fazer parte obviamente, mas eu acho que o grande diferencial serão as qualidades humanas. Essas qualidades farão um enorme diferencial, pois vão implicar um novo ponto de vista da inserção dos indivíduos na sociedade do século XXI. Essas pessoas terão capacidade de fazer network, trabalhar em rede, viver em rede e viver em coletividade. O espírito de liderança surge a partir desses valores. Então, pra mim, as qualidades humanas vão ser exatamente todas essas características e valores humanos que irão diferenciar as pessoas. No campo da educação ou em qualquer outro processo, além dos valores mencionados, a questão é como saber viver em comunidade, em coletividade.

O senhor enfatiza essa noção de solidariedade e de colaboração. Temos uma questão relacionada a um documento da UNESCO sobre como imaginar nosso futuro juntos. Esse documento menciona que a profissão docente deve ser colaborativa, ou seja, o processo de ensino deve ser colaborativo e pensado para apoiar o estudante sempre para que ele se desenvolva integralmente. Então eu queria saber o que o senhor poderia dizer sobre esse formato colaborativo na educação.

Mozart Neves Ramos: Em primeiro lugar, exercendo a humildade. Eu costumo dizer que, para você colaborar, você tem que ser uma pessoa humilde no sentido de aprender com o outro, entender os problemas vividos. Vivemos um cenário disruptivo, um cenário com transições sociais e econômicas estruturais, mudanças muito intensas e cada vez mais frequentes. O cenário, mesmo antes da pandemia, já mostrava isso. As transições são muito profundas, quando, lá atrás no século XVIII ou XIX, as transições eram muito longas, demoravam muito. Hoje elas são mais frequentes e mais agudas. Uma consequência disso é que os problemas atuais são bem mais complexos do que os problemas do passado: a sorte é que a gente tem uma ciência cada vez mais desenvolvida, atuando nos diferentes campos do saber, para que a gente tome decisões assertivas. Isso nos ajuda a trabalhar não com base em achismos, mas para resolver problemas complexos com base em ciência. Por isso, você tem que trabalhar em colaboração, você não consegue mais ter aquela pessoa que é um gênio e sozinho busca a solução de um problema, porque hoje isso não vai ser mais possível se essa pessoa não tiver capacidade de abertura para trabalhar em um grupo. Para isso, ela tem que exercer a humildade. Quando você trabalha em grupo, em coletivo,

you will hear situations that differ from your way of thinking, then we must have the capacity to listen and understand, recognize that someone is wrong or that another person is right; it is necessary to change many times when working in collaboration. Working in a collaborative way, as suggested by UNESCO in its document, is important for the post-pandemic recovery. I will give an example to make the question tangible: the people here did a study of the public network of Ribeirão Preto, and everything that is produced must be transparent to society, it cannot stay only inside a laboratory; after all, many times public money is being used and consequently people need to know what you are doing with the money, even if you are doing something for the sake of science, for the sake of education. People invest and they have the right to know what you are doing, then, when people normally put transparency in what they do, people must be prepared to know how the other interprets what the people are doing. Here, when people do this, the means of communication are not used as a benefit for the collective; sometimes it is something much more aimed at selling some news from a perspective that is not the most important. In the work done in Ribeirão Preto, the press itself said: "what is the worst school? What is the best school?". But the question should be: how can they work together to improve the education of Ribeirão? This is the question that should be answered, not to try to know what is the best and what is the worst, because many times what is the best and what is the worst depends a lot on the scenario in which the school is inserted. A school that is in an extremely difficult environment, from the socio-economic point of view, is sometimes prejudiced by the absence of the state itself, and here you have traffic, you have alcoholic beverages that roam the schools, the stalls, the delinquents who are looking for young people, etc. This school naturally feels this environment. Judging what is the best or what is the worst is complicated. We need to try to answer how they can work together to solve their own problems and offer a quality education for all people in that city. Humility will also require another way of thinking. Maybe the school with the worst performance is already heroic from the point of view of where it is inserted, for that is why I think it is much more important to bring exactly some references to improve in a collaborative way, for example, what a school is doing in the field

da gestão, no campo pedagógico, no campo da formação, no campo da prática, para poder melhorar. Há situações que já são muito conhecidas no estado do Ceará, que é um estado que tem uma característica de trabalhar de forma colaborativa. Não à toa, o estado vem gradualmente melhorando em todas as etapas da educação básica. Claro que ainda não é uma Singapura, uma Finlândia, mas é uma Singapura e uma Finlândia dentro do Brasil, sobretudo porque não é um estado rico, que não tem um PIB per capita como São Paulo, mas o Ceará consegue desenvolver os anos iniciais do ensino porque tem um ecossistema que eles desenvolveram cuja o ponto central é a colaboração. A colaboração, se antes já era importante, no pós-pandemia passa a ser central para que a educação volte a se desenvolver numa velocidade pela qual todos nós estávamos lutando. Por isso, eu entendo que a UNESCO foi muito feliz ao lançar esse documento, reimaginando juntos os nossos futuros, quer dizer, juntos no sentido de trabalhar colaborativamente.

O senhor menciona essa colaboração entre escolas e os regimes de colaboração entre estados e município, mas podemos pensar em colaboração entre setores? Dentro de uma mesma localidade, como a escola, há questões de saúde mental, violência... o senhor vê que é uma possibilidade implementar a intersectorialidade entre saúde, assistência social, etc., pensando que o estudante passa muito tempo na escola?

Mozart Neves Ramos: Eu acho que você toca num ponto muito importante, central para esse conceito de colaboração. Eu acho que existem esferas diferentes de colaboração e elas tem que ser concêntricas, ou seja, elas têm que ter um eixo comum de referência que tem que ser o papel do estado. Quando eu falo estado, não é governo, porque o governo é temporário, mas quando a gente traz políticas de estados que perpassam os tempos de governo, naturalmente quem ganha com isso é a população, é o cidadão. Obviamente, quando a gente diz que há diferentes esferas de colaboração, quando a gente fala em “a rede de ensino” de uma localidade, estamos enfatizando a rede, que é um trabalho horizontal, então você imagina que são as escolas que trabalham de modo horizontal. Mas o que se vê, em geral, é muito mais uma verticalização em torno da secretaria e as escolas, na maioria das vezes, não procuram as outras escolas para saber como elas estão resolvendo seus próprios problemas. A primeira questão do campo da

educação é que uma rede de ensino funciona em regime de colaboração, tendo políticas que incentivem as escolas a trabalhar de maneira mais colaborativa e não no modelo vertical, que é de repasse de recursos para as escolas ou de fardamento escolar, de uniforme escolar ou de uma formação única, e esse é um dos erros que a educação comete: a existência de uma política única para estágios diferentes das escolas. Eu acho que a gente deveria entender que as escolas estão em estágios diferentes por diferentes razões e que a gente precisa muitas vezes ter um olhar diferenciado mesmo para poder ter uma equidade com qualidade, porque também eu não quero uma equidade onde está todo mundo com muitas dificuldades. A gente tem que ter sempre um diferencial do que a gente imagina como qualidade, trabalhar para que todos olhem isso como uma bússola e trabalhem aquele provérbio africano: “se você quer chegar rápido, vá sozinho, mas se quiser chegar longe vá em conjunto, vá em coletivo”. Então há o espírito de travessias, diante das guerras civis e de muitas dificuldades, pois as pessoas precisam andar juntas pra poder ter maior chance de chegar no destino. Fazer a travessia é muito importante. Quando a gente está falando de uma escola de periferia, a escola de periferia tem diferentes problemas que apenas a educação não vai resolver. Você vai ter que entrar com assistente social, você vai ter que entrar com segurança pública, você vai ter que entrar com saúde mental, porque os alunos estão em um nível de estresse muito maior do que aquela criança jovem que estuda num ambiente culturalmente e socialmente mais favorável. Hoje se sabe muito bem que a maior concentração de cortisol no cabelo de uma criança é um sinal de que ela está com um elevado níveis de stress e isso, por consequência, piora os resultados escolares, então você trabalhar a intersetorialidade é absolutamente importante num ambiente complexo. O grande problema da intersetorialidade é como cada área de governo está disposta. Nas secretarias, por exemplo, não há só técnicos; ao contrário, há secretários que foram indicados por partidos e que tem às vezes interesses políticos dentro daquela secretaria, até para ser um trampolim político, então é diferente de um técnico que está ali comprometido com respostas técnicas. O governo é um ambiente político, então esse técnico também precisa ser político, mas quando a gente tem um político que não é técnico, o problema é mais grave, porque ele está olhando só o futuro dele, ele não está olhando o futuro do coletivo. Ele quer respostas curtas, de maior impacto, para casar com a imagem dele; às vezes, as respostas curtas não são estrutu-

rantes para mudar a qualidade da sociedade e das pessoas. As situações às vezes exigem tomadas de decisões que são extremamente difíceis. Para mudar, você precisa estar disposto a comprar essa coisa de médio e longo prazo, o que muitas vezes o campo político não permite... não interessa, porque é de curto prazo. Eu aprendi isso no governo de Pernambuco: a gente teve uma intervenção numa determinada região, que era a região mais pobre de Pernambuco. Era impressionante a taxa de analfabetismo adulto, com o menor PIB e também o menor IDH do Brasil. Aí vem o governo: temos que fazer alguma coisa nessa região do agreste. No primeiro momento, quando o governador convoca todas as secretarias, todas participam; quando ele diz que agora o projeto vai ficar sob o comando da secretaria de planejamento, por exemplo, as outras começam a dizer: "o secretário de planejamento não vai, vamos mandar o adjunto depois". Na outra reunião, não vai mais o adjunto, vai o diretor da área de atuação, aí começa a perder o valor político da ação e o valor político da ação deve ser prioridade do governo: que seja, portanto, uma prioridade do estado e uma política de estado, então você sai de uma situação de governo para um política de estado naquela região. O grande desafio do intersetorial é que na prática o processo termina se esfacelando dentro da ação das secretarias envolvidas ou dos ministérios envolvidos, se for no âmbito de um governo federal, então ou fica no gabinete do governador, do prefeito ou do presidente, dependendo da ação, do tamanho da ação, territorialmente falando, para que os demais secretários saibam que aquilo ali é do mandatário maior e aí ele olha com uma prioridade que precisa olhar para resolver o problema intersetorialmente. Cada secretário tem a sua prioridade e não vai colocar energia nem dinheiro para um foco que eventualmente não dialogue com a prioridade dele no sentido de visibilidade do que ele quer deixar na pasta; ele está olhando a parte dele, então esse é o grande problema no poder público, é trabalhar de maneira intersetorial porque as secretarias são políticas. No Brasil, marcado pela descontinuidade de políticas públicas, os problemas intersetoriais sofrem demais, porque quando muda o governo automaticamente muda toda a política; para se ter respostas intersetoriais, você tem que ter evidências muito fortes de como aquela ação coletiva de governo mudou a realidade, então você tem que ser vitórias de curto prazo. Sofremos pela fragilidade do tecido das ações intersetoriais, pois cada secretário olha muito mais para o seu interesse futuro no campo político do que para o campo do valor social. Acho que

o caminho para lidar com isso é a experiência que aprendi quando fui reitor da UFPE e conheci o reitor de uma universidade francesa que fica a 100 km da Universidade de Paris, com o trem-bala passando ao lado da universidade, e eu perguntei a ele: “como é que você faz para competir com a Universidade de Paris, passando um trem-bala aqui na sua porta e levando os alunos para Paris?”. Ele disse: “primeiro, a universidade é uma universidade tecnológica, tem um currículo totalmente diferente, é dentro das empresas, então os alunos daqui vem com uma outra perspectiva de futuro, por isso a gente consegue ter essa competitividade”. Mas há outras coisas. Na universidade, o poder público e o governo ocupam um vértice; em outro vértice, a empresa; em outro vértice, o terceiro setor. A universidade tem o papel estratégico de unir o poder público, a empresa e o terceiro setor em torno de um bem comum, pois ela tem muito mais capacidade, quando inserida na sociedade, de preservar e de blindar ações intersetoriais do que uma empresa, cujo papel não é esse – ela pode financiar, porque pode ter o interesse de captar imagem social (e não vejo nenhum problema), desde que ela apoie não só financeiramente, mas com responsabilidade social. A participação do terceiro setor traz uma coisa que a universidade não consegue fazer, que é a inovação, pois o terceiro setor é muito mais leve do que a universidade, que tem seus rituais e burocracia. O poder público seria o grande beneficiado disso, só que o poder público tem um problema do tempo de governo, que em geral é menor do que o tempo de intervenção pra mudar aquele problema numa solução estruturante, por isso a universidade pode blindar esse processo. Então, esse “quadrado mágico” ocorre quando você integra esses quatro eixos, esses quatro vértices, em prol de um problema comum de uma sociedade. Na minha opinião, a universidade peca porque ela não consegue enxergar isso. Ela consegue enxergar, muitas vezes, pesquisas importantes, mas que não dialogam, ou por falta de comunicação ou porque talvez não consigam ter a linguagem. Você só colabora e dialoga quando você tem uma linguagem comum e a universidade às vezes tem uma linguagem muito acadêmica, pois assusta e afasta as pessoas, então a universidade precisa romper um pouco com a linguagem mais acadêmica. Saber se comunicar com a sociedade é uma arte e a universidade tem dificuldade de fazer isso, porque ela é muito academicista, então ela termina perdendo, em função do academicismo, uma grande oportunidade de ampliar em escala seu papel social. No Brasil, essa relevância social é principalmente obtida

pelas universidades comunitárias, pois elas têm um papel de relevância e por isso são comunitárias, ou seja, elas conseguem ter esse papel que às vezes a própria universidade pública não consegue. Esse é um modelo social de universidade com o qual eu me identifico muito. Acho que todo esse cenário de intersetorialidade, os problemas cada vez mais complexos, a necessidade de trabalharmos juntos, a gente só vai conseguir isso quando integrar esse quadrado mágico nesses quatro vértices e eu acho que, se o Brasil consegue ter essa cultura dos quatro pontos referenciais (universidade, poder público, empresa e terceiro setor) trabalhando em torno de um problema complexo, a gente teria mais possibilidades de encontrar soluções estruturantes para além do tempo de governo.

O senhor argumenta que a universidade deve estabelecer um nexos com o projeto de vida dos estudantes. Como essas pontes podem ser construídas?

Mozart Neves Ramos: Bom, essa é uma pergunta muito importante para o futuro da universidade. Quando a universidade brasileira implanta um sistema de créditos, em que todo aluno de um determinado curso deveria passar por um único túnel para poder obter o seu diploma, ela não implantou o crédito da maneira correta, como o sistema foi originalmente montado no exterior, principalmente no sistema inglês. No Brasil, antes você tinha uns períodos anuais, aí a ideia era mudar: a universidade dividiu os conteúdos em dois grupos, então você tinha o Cálculo do primeiro ano e agora ficou Cálculo I e Cálculo II. Assim, para fazer o Cálculo II, você tem que ter o pré-requisito em Cálculo I. Veja, ficou pior do que antes, porque quando havia apenas o Cálculo o aluno poderia gradualmente ir se recuperando, principalmente se tivesse um apoio de monitores. Hoje, o que a gente tem? Se o aluno não passa em Cálculo I, ele fica para trás e não entra no Cálculo II. Isso cria uma contenção de alunos lá nos primeiros dois anos e conseqüentemente é um grande fator para evasão escolar. Os números estão mostrando: de cada cem alunos que ingressam no ensino superior no Brasil, 59 abandonam, olhando ano a ano, de 2011 a 2020. O INEP fez esse estudo, então isso é uma ineficiência muito grande do sistema universitário. A questão é: por que que o aluno desiste? Bom, ele desiste porque, quando entra na universidade, tem o sonho de uma perspectiva, de um projeto de vida. Se ele entra e diz “eu estou fazendo engenharia civil e o meu

projeto de vida não é exatamente igual ao que meu outro colega que também está fazendo engenharia civil. Como produto final, a gente quer ter o diploma de engenheiro civil, mas ele quer muito mais questões ligadas a saneamento na engenharia civil e eu quero muito mais ligados a prédios de última geração”. São duas coisas: uma tem um campo mais social e outra tem um campo mais elitizado. Isso faz parte, é o sonho, é o projeto de vida e a universidade não permite essa flexibilização de que o aluno, em um determinado curso, possa ter trajetórias e caminhos diferentes. Todo mundo tem que passar pelo mesmo caminho, é igual a um automóvel, todos passando ali pela linha de produção. Na universidade há um conceito de linha e produção para todos os estudantes. Assim a gente mata a criatividade, a gente mata os sonhos dos estudantes. Certamente deve haver uma espinha dorsal de acordo com o curso, mas o corpo que está nessa espinha dorsal deveria ser diferente; a espinha dorsal é a mesma, mas a diferença seria o projeto de vida, porque eu quero ter espinha dorsal, quero ser engenheiro, mas eu quero ter a oportunidade de estudar, por exemplo, sobre pinturas rupestres, porque eu estou pensando em algo que vai me ajudar nesse sentido ou eu estou pensando em usar métodos físicos em análises. Então, há sonhos. Os estudantes leem. Hoje o nível de informação é muito alto e aí naturalmente isso alimenta novos sonhos, novos objetos. Se a universidade não me permite sonhar com essas possibilidades, eu a deixo. O projeto de vida é aquilo que difere cada ser humano de outro ser humano. O coletivo do projeto de vida é exatamente o que dá o conceito de comunidade e sociedade e preservar essa diversidade é muito importante para poder ter uma sociedade plural, uma sociedade que não é uniforme, ela não é homogênea, ela é heterogênea. O ensino médio começou a perceber isso, porque perdia 500.000 jovens todo ano antes da pandemia: é quase um jovem por minuto que deixa o ensino médio público no Brasil. Aí veio a reforma do ensino médio. Ela tem seus problemas, mas pelo menos enfrentou, na minha opinião, a questão da flexibilização e da diversificação, possibilitando exatamente a perspectiva de itinerários formativos de acordo com o projeto de vida do jovem. Os países do mundo inteiro já estão fazendo isso nos anos finais do ensino fundamental, em consonância com as habilidades socioemocionais dos estudantes. Eu estive na Flórida visitando algumas escolas e lá, nos anos finais, eles já estão vendo itinerários em consonância com as competências e com as habilidades dos jovens. Assim é possível dar significado para a escola junto à vida daquela criança, daquele

adolescente. Se a universidade não mudar, essa criança e esse jovem que estão começando a ter a oportunidade de uma educação de base mais flexível esbarra na seguinte situação: “não, agora tudo vai ser engessado pelo sistema de crédito”. Acabou. Esse aluno não vai mais querer estudar nessa universidade. Ou a universidade entende que o mundo está exigindo, lidando com pessoas mais flexíveis, abertas e criativas, ou vai ser muito difícil ela continuar no conceito da universidade do século passado, muito mais engessada, muito mais rígida por sistemas de créditos e não por trilhas de aprendizagem que os alunos podem ir trilhando e usando. O conceito mais bonito da universidade é a sua pluralidade de conhecimentos, então eu entendo que a universidade se abre a esse novo conceito de sociedade que está em construção com esse novo jovem, que quer algo totalmente diferente do que foi a universidade, a minha universidade de quarenta anos atrás. Além da universidade há outros modelos de formação com os quais os jovens vão se identificar muito mais. Então, o projeto de vida hoje deveria nortear qualquer perspectiva de formação de qualquer instituição formadora, como a universidade. Em um debate do qual participei na UFMG há dez dias, alguém me perguntou: qual é então essa universidade do futuro? Primeiramente, a universidade do futuro não deveria ser mais aquela universidade em que as pessoas e os professores ingressam pela titulação. Eu tenho todos os níveis de titulação, mas hoje o conhecimento está muito mais ampliado em vários outros ambientes. Na área de artes, será que um Ariano Suassuna precisaria ter o título de doutor para ser professor de teoria da arte? Será que um Chopin tinha doutorado para ter sido quem foi, ou seja, ainda hoje uma referência para os professores da universidade? Naquela época o conhecimento era muito mais compartimentalizado e hoje o conhecimento está em todo canto, então a universidade vai ter que compreender os outros saberes que estão permeando a sociedade. As pessoas estão aprendendo coisas maravilhosas não necessariamente dentro da universidade. Se a universidade não perceber isso, essa beleza do conhecimento mais democratizado, muito mais acessível por caminhos novos, a universidade vai ficar dentro dela mesma. Eu acho que o academicismo deve ser uma das linhas que a universidade deveria adotar dentro do processo de formadores. Eu acho que a universidade deveria olhar pessoas que tem habilidades e competências em áreas que tem uma grande descontinuidade tecnológica, ou seja, áreas em que a titulação não vai fazer diferença. Muitas empresas tecnológicas hoje não estão mais preocupadas com

diploma, estão selecionando os alunos já no segundo e terceiro ano e trazendo porque já tem certas habilidades e competências suficientes para criar uma nova estratégia de carreira baseada em competências e em habilidades. A universidade vai ter que romper com determinadas culturas, porque, se ela não romper, ela não vai conseguir dar conta do projeto de vida, dessa diversidade que hoje a juventude tem. Então eu vejo aí uma grande oportunidade para que a universidade chegue até a sociedade, pois hoje a própria sociedade tem um pensamento muito crítico em relação à universidade: “ah, é muito fechada”. Há uma fração muito pequena de jovens que conseguem ingressar e mesmo os ingressantes não termina. Mais uma vez, precisamos exercer a humildade, olhar que a gente precisa cada vez mais e entender a sociedade, ver como a sociedade está mudando e o que a gente precisa mudar dentro da universidade para dialogar com a sociedade. Se a gente criar nosso mundo e continuar com o estrito academicismo do passado, vamos perder um monte de conhecimentos novo que estão surgindo. Esse conhecimento novo trazido para universidade vai permitir diversificação e flexibilização para atender a esses projetos de vida dos estudantes. Internet e banda larga são o lápis e o caderno do século XXI e as startups serão as salas de aula do século XXI. Ali os alunos vão aprender e vão se desenvolver de maneira muito mais prazerosa do que talvez em uma sala de aula tradicional.